

MACHADO DE ASSIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: TRABALHANDO A LEITURA E A INTERAÇÃO ATRAVÉS DO CONTO “O ENFERMEIRO”

Fabiana Maria dos Santos SOUZA
souza.fmsantos@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

O ensino de literatura só torna-se obrigatório a partir do ensino médio, em função disto, muitas vezes, é negligenciado durante o ensino fundamental. As aulas de português, ainda muito arraigadas no ensino gramaticista, deixam o processo de formação leitora de lado para beneficiar a assimilação das regras da gramática padrão, o que não é errado, porém deixa lacunas na aprendizagem do aluno. Os textos, quando trabalhados, priorizam atividades de interpretação mecânicas, que se dão através da transcrição de trechos dos textos, sem a devida reflexão e/ou discussão. Com esse panorama em vista, o presente artigo irá discorrer acerca de um relato de experiência da aplicação de uma sequência didática desenvolvida numa turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Equador, Rio Grande do Norte, que girou em torno do conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis. O objetivo deste artigo é demonstrar a eficiência do trabalho com a literatura tanto no que se refere à contribuição para a formação leitora dos educandos, como para o desenvolvimento da oralidade e interação em sala de aula. A pesquisa aqui desenvolvida caracteriza-se como pesquisa-ação, uma vez que a figura do pesquisador confunde-se com o objeto de análise em que há não somente um processo de autoavaliação, mas também de reflexão de uma prática coletiva. Os fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa e a análise dos dados são sustentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Antunes (2003), Libâneo (1994), Zilberman (2009), Maria (2008), Pennac (1993), entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Oralidade. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o ensino de literatura só passa a fazer parte efetivamente do currículo escolar a partir do ensino médio, em função disso, na maioria das vezes, no ensino fundamental negligencia-se o uso da literatura como ferramenta didática ou relega a ela um papel de coadjuvância no ensino gramaticista, servindo apenas como um texto-pretexto, não cumprindo com o que Candido (1972) defende como funções da literatura, que seria o *suprimento de nossa necessidade de ficção*, o autor defende que não conseguimos passar sequer um dia sem o contato com a ficção e a literatura seria um dos meios em que isso acontece de forma mais profunda; *o caráter formador da literatura*, não no sentido pedagógico mas no sentido da vivência de experiências que a obra literária nos permite, porque ela faz viver; *oferece um conhecimento profundo de mundo* a partir do momento em que expõe diversas realidades sem filtro, o bem, o mal, o bom, o ruim, pode-se encontrar na literatura os mais diversos contextos sociais, econômicos, culturais, enfim, uma gama de aspectos que possibilitam um aprofundamento do nosso conhecimento de mundo. Mas, a mais importante de todas as funções da literatura, a principal, segundo Candido (1995) é humanizar, mas o que seria isso? O autor da seguinte forma:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Sendo assim, a literatura deveria estar presente em todos os níveis escolares, mas não da forma como se apresenta hoje e sim de forma humanizadora, levando o educando a desenvolver o gosto pela leitura e a buscar o livro como algo que lhe proporcione fruição e formação, levando-o a ser um ser humano melhor, mais

consciente. Os próprios documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), versam sobre a melhor forma do docente agir em sala de aula e atentam para a questão de que a literatura, assim como outros textos trabalhados em sala de aula devem atender para o caráter social, para a formação cidadã e não serem meros suportes para o trabalho gramatical.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), postulam que o ensino de Língua Portuguesa deve priorizar o processo de construção de significado, em que o sujeito possa interagir socialmente, usando a língua oral e escrita como instrumento definidor de pessoas entre pessoas. Ou seja, deve-se formar o aluno para o exercício da cidadania, a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, com flexibilidade em um mundo tão dinâmico como é o nosso.

Levando em consideração os aspectos acima abordados, refletimos sobre como o professor deverá se portar frente a uma aula de português, para que o processo educativo se efetive de fato. Para Antunes (2003) cabe ao professor procurar meios acerca do que fazer e como fazer para trabalhar a oralidade, a leitura e a gramática nas aulas de português. Para ela, é necessário que a escola tenha como objetivo o ensino da língua em seu uso social, o que a autora nomeia como “língua em função”. De acordo com a sua visão, o grande problema no ensino de língua portuguesa, é que o texto é deixado de lado, os professores não trabalham o aspecto semântico, como já mencionado, usam o texto apenas como pretexto para ensinar gramática, retirando dele frases isoladas que não oferecem nenhuma contribuição para os alunos. Ela ainda afirma que o texto é que vai condicionar a escolha dos itens, objetivos e atividades pedagógicas.

Em face a essa realidade, o presente trabalho apresenta um relato de experiência de aulas ministradas no 9º ano do ensino fundamental, que tiveram ênfase na leitura, oralidade e interação, partindo do texto para o contexto, tomando por base o conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis. Os fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa e a análise dos dados são sustentados pelos Parâmetros

Curriculares Nacionais (1998), Antunes (2003), Libâneo (2004), Zilberman (2009), Maria (2008), Pennac (1993), entre outros.

METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como pesquisa-ação, uma vez que a figura de pesquisador e o sujeito pesquisado eram os mesmos, como pontua Engel (2000), ao dizer que, diferentemente da pesquisa tradicional, na qual teria que haver um distanciamento entre objeto e pesquisador para garantir a imparcialidade da análise e, assim, a cientificidade do estudo, na pesquisa-ação une-se teoria e prática o que permite, além de uma autoavaliação, uma busca pelo aprimoramento, o que é de grande valia para a área de humanas e, especificamente no caso deste trabalho, para a licenciatura. Afinal, pode-se observar e analisar algo pragmático sob a ótica e criticidade do próprio sujeito que idealizou a ação, expondo pontos positivos e negativos, permitindo além de sua evolução, enquanto profissional, a evolução, também, daqueles que tiverem contato com seu relato.

Quanto à sequência didática, vale aqui salientar que esta não se encaixa nos moldes da escola genebrina, de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), ou seja, não visa uma produção escrita e não é composta por módulos. A sequência aqui exposta é composta por encontros, cinco no total, e visou, como já destacado na introdução, desenvolver a habilidade leitora dos educandos, estimular a oralidade e, por consequência, a interação. Esclarecido este ponto, adentremos a como se deu a feitura da sequência: o primeiro momento foi o planejamento de qual seria o texto e como se daria essa intervenção em sala de aula, tendo em vista que pouco se havia trabalhado a questão da leitura em sala de aula e nos momentos em que ela ocorreu foi com fins gramaticais. Essa fase foi importantíssima para o êxito do que se objetivava, pois com destaca Fusari (2015):

A ausência de um processo de planejamento do ensino nas escolas, aliadas às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes no exercício do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica nas aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma regra, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (FUSARI, 2015, p. 46).

Tem que se planejar as ações diárias em cima de objetivos claros e seguindo o ideal de qual aluno se quer formar, qual o ser que o docente quer tentar construir com seus métodos. A partir desta reflexão e das realidades que se encontram a cada dia, se fazem e se revisam os planos. Se um professor tem a mesma didática a muito tempo e a aplica em todo lugar em que leciona há algo errado, já que cada lugar apresenta uma realidade diferente. Há de se ter a capacidade de reciclar-se sempre.

No caso da clientela aqui analisada, principalmente no que se refere à interação em sala de aula, tinha que ser pensadas estratégias didáticas para se fisgar o educando sem que ele percebesse, para que o engajamento na aula não fosse uma obrigação, mas algo natural e isso tem que ser planejado com antecedência para evitar improvisos no momento da aula. Muitos professores ainda veem o planejamento escolar, como mais uma atividade rotineira, que se resume em copiar conteúdos e objetivos dos livros didáticos, aí vemos a importância de preparar os professores para utilizarem-se de recursos como a elaboração de planos de aulas, sequências didáticas, projetos, que servirão, como diz Libâneo (1994, p. 223), como um “guia de orientação” para a realização do trabalho docente. Assim, após pensar o texto que seria utilizado e as estratégias que possibilitariam uma maior interação do aluno, as aulas foram organizadas seguindo uma sequência de ações interligadas que serão discutidas no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que a educação, seja ela formal ou informal, é uma importante ferramenta para o desenvolvimento do ser humano enquanto cidadão. Como diz

Libâneo (1994, p.17), “não há sociedade sem prática educativa, nem prática educativa sem sociedade”. Em consonância com isso, a escola, como principal instituição de sistematização do conhecimento, deve voltar seu olhar para além de seus muros e enxergar no contexto social meios que venham a agregar na prática de ensino do professor e de uma melhor aprendizagem por parte do aluno.

O ato de ensinar é muito mais do que uma simples transmissão de conteúdos de uma matéria, quando optamos por ser professor, temos de ter a consciência de que seremos sujeitos que contribuirão diretamente para a efetivação da educação. Segundo Aranha (2006) a educação não é simplesmente o repasse de herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestão do novo e a ruptura do velho.

No que diz respeito ao trabalho com a leitura é perceptível o quão desafiador é para o docente formar realmente alunos leitores e, em geral, várias justificativas são dadas para que não se consiga trazer para sala de aula métodos de ensino que realmente formem leitores. Na maioria das vezes, nas aulas ditas de leitura e/ou literatura o que se vê é o trabalho com a oralização mecânica, a simples repetição do que se está escrito e, posteriormente uma “interpretação” superficial do texto que mais é explicação da visão do professor do que realmente interpretação, pois não se discute, os alunos raramente expõe suas ideias e aceitam como verdade o que o professor diz. Como ressalta Batista (1997, p. 101) “ensina-se, fundamentalmente a disciplina gramatical”, outros usos como a oralidade ou o texto servem apenas de pretextos, suporte para o ensino da metalinguagem.

E isso se mostra equivocado, principalmente, quando atentamos para o texto literário e para o fato de que ele permite mais de uma interpretação, dependendo das pistas que você colhe no momento em que lê, mas os alunos não são preparados para isso. Como justificativa, diz-se que o tempo de aula é curto, que os outros conteúdos tomam todo o horário disponível, que é complicado lidar com uma turma enorme e conseguir um trabalho de leitura efetivo, que não se tem tempo de se planejar aulas

que cumpram essa função devido a carga horária exaustiva de um professor, por isso se recorre ao que foi citado anteriormente.

Todavia, o ensino de literatura, a formação leitora estão dispostas nos documentos oficiais e são direitos dos alunos, não podemos nos acomodar nessas justificativas, temos que buscar outras alternativas. A todo momento estão surgindo novas teorias, novos conceitos de como se trabalhar essas questões apesar das dificuldades, afinal, como postulam os PCN (2000, p. 10) a disciplina de língua portuguesa tem por objetivo fazer com que o educando se utilizasse da “linguagem como meio de expressão, informação e comunicação” e Libâneo (1994) complementa esta afirmação ao defender que a língua é interação. Mas para que o professor alcance esse objetivo, antes de tudo, tem que estar em constante pesquisa para ter subsídios para formar seus alunos e propiciar, como destaca Maria (2008)

Uma leitura que não apenas ofereça respostas ao homem sobre sua própria realidade, mas que também instigue-o a colocar-se questões e o instrumento na busca de respostas e soluções; uma leitura que desinstale o homem da placidez e da acomodação e ao mesmo tempo seja capaz de torná-lo melhor. Melhor em sua relação com os outros, em sua relação com o meio, em sua relação consigo mesmo. Melhor no sentido de melhor praticar a sua "humanidade" (MARIA, 2008, p. 51).

A sequência didática que aqui exporemos contou com um total de 5 encontros, foram 10 aulas dedicadas ao conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis, e outras atividades que o envolviam. No primeiro encontro, foram discutidas questões como o autor, o título do conto, o gênero literário ao qual pertencia o texto, sempre em conversa com os alunos, para então iniciar a leitura da obra, esta se deu de forma interativa e descontraída, afinal, como nos diz Not (1993 *apud* MORAES & VARELA, 2007, p. 3) “toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção”. Durante a leitura e posteriormente conversamos sobre pontos que tiveram dúvidas, sobre acontecimentos do conto e no

encontro seguinte foram propostas questões norteadoras para que os discentes discutissem e interpretassem o texto.

Os alunos foram estimulados a fazerem perguntas ao texto, o porquê de cada acontecimento, ação, e depois voltavam ao texto para tentar encontrar as respostas. Este movimento de retorno ao texto fez com os alunos os compreendessem melhor, e diante de “provocações” que o docente ia fazendo a cada fato que eles relatavam, formaram-se dois eixos distintos de interpretação para o texto, a saber, o conto tratava de um enfermeiro que matou seu patrão e, depois, recebeu a herança do mesmo, a discussão girou em torno do questionamento acerca desta morte, teria sido um acidente ou um assassinato premeditado? Foi um momento de muita interação, em que a maioria dos alunos expunha sua opinião sobre o texto, os PCN, inclusive nos falam da importância da interação em sala de aula ao dizer que “não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com o outro” (BRASIL, 2000, p. 5). Diante desse momento, surgiu uma divisão de ideias, a turma dividiu-se em dois grupos, cada um com um ponto de vista, foram orientados, então, a se juntarem e buscar no texto argumentos que justificavam o que diziam. E, na terceira aula, houve o júri, um lado defendia a inocência do personagem principal e o outro dizia que ele era culpado. Houve interação e discussão, sendo este último o ponto central da aula, tudo, claro, respaldado pelo texto.

Metodologicamente, o debate, a discussão, irão centralizar os trabalhos em sala de aula. Os textos serão usados como suporte para tais discussões. Aqui, fatos servirão de introduções a textos mais dissertativos. A posição do aluno é a conclusão de seu trabalho (GERALDI, 2006, p. 72).



Fotografia 1: Leitura do conto



Fotografia 2: Júri/debate do texto

Essa escolha metodológica se justifica pelo fato de que não é somente por escrito que se pode avaliar a capacidade de aprendizagem do aluno, através desse debate/júri ficou clara a competência de compreensão e capacidade de argumentar e defender os pontos de vistas que cada aluno tem, com ressalta Milanez (1993, p. 15) “os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados na escola [...] como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens” e isso não pode ser uma verdade absoluta, não mais. Vivemos em um momento de revisão de métodos, de buscar alternativas que aproximem o educando da escola para que possamos propiciar uma educação de qualidade. Segundo Goulart (2005 *apud* RAMOS & SILVA, 2015, p. 5) em suas observações, constatou-se que a grande maioria dos professores de língua materna assume explicitamente a concepção de que quaisquer que sejam as práticas orais propostas nas atividades didáticas, elas são apenas um mote para chegar à produção de textos escritos, assim tudo torna-se pretexto para um ensino gramaticista. Enfatizando ainda mais o papel crucial da escola no desenvolvimento da oralidade Azevedo (2001 *apud* DONATO, 2015, p. 4) destaca que ela “é responsável pela garantia da universalização de uma aprendizagem significativa e colaborativa”.

Na quarta aula foi exposto para os alunos o contexto histórico em que a obra foi ambientada, o intuito foi perceber o que do contexto da época em que se passa a ação dos personagens foi agregada a obra e se isso interferiu na construção do sentido da mesma. Foi esclarecido que o texto “O enfermeiro” era ambientado na década de

1860, ou seja, ainda havia escravidão no Brasil, os alunos foram estimulados, diante daquela informação, a olharem para o texto, não com a visão contemporânea, mas com uma visão situada no tempo em que o autor a situou, quem seria esse personagem, o porquê dele ter aceitado um trabalho tão humilhante do qual vários tinham desistido. Os questionamentos foram sendo feitos e o lado que defendia Procópio se viu com novos argumentos. Neste momento foi enfatizado que não existe interpretação certa ou errada quando se trata de literatura, existem interpretações possíveis diante do que o texto permite, diante da ótica que se observa.

No último encontro, realizamos a análise de outros contos com a sala dividida em grupos e foi perceptível a diferença do interesse dos alunos pela leitura do primeiro dia da sequência para aquele momento, todos estavam concentrados e imbuídos em fazer seu melhor. Uma mudança considerável e surpreendente, se levarmos em consideração o curto espaço de tempo em que o trabalho foi realizado. Isso evidencia ainda mais a importância de se trabalhar a literatura numa perspectiva de formação leitora, pois ela (a leitura) eleva o educando a um *status* de criticidade maior e a escola deve, pode e tem que fornecer meios para que esse trabalho seja feito da melhor forma com o intuito de oferecer à sua clientela ferramentas que lhe ajudarão para sua vida, fora dos muros escolares. Essa é a função da escola formar cidadãos e a leitura traz essa independência para o sujeito uma vez que ele próprio terá a capacidade de não apenas decodificar, mas compreender e agir sobre o conhecimento que se põe a sua frente em formato de texto. Como Zilberman (2009, p. 18) bem ressalta “a crise da leitura é igualmente uma crise da escola”, pois se esta não consegue formar leitores não cumpriu com sua função principal, não preparou efetivamente seus discentes para o exercício da cidadania.

Antunes (2003) afirma que educar é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, assim, o principal ganho durante a aplicação da sequência foi observar, além dos alunos lerem e interagirem, o seu contato efetivo e por vontade própria com o texto, o interesse que foi despertado pela leitura durante o processo sequencial. Pennac (1993, p. 13) já enfatizava “o verbo ler

não suporta imperativo” e essa construção da independência do discente buscar ler, com certeza foi o resultado mais surpreendente e válido da experiência. Que em um futuro próximo a escola possa ensinar uma língua que não seja tão distante do aluno, onde, como ressalta Luft (1998), “é tão raro que se estude a língua como meio de comunicação-atual, vivo, eficiente”. Em consonância com isto Neves (2004) afirma que o ambiente escolar deve ser um lugar privilegiado de vivência de língua materna: língua falada e língua escrita, língua-padrão e língua-não-padrão, nunca como pares opostos, ou como atividades em competição; enfim, uma vivência da língua em uso em sua plenitude: falar, ler, escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Diz-se que todos têm direito a educação, mas as condições que são dispostas às instituições públicas de ensino são desoladoras. O que torna a missão do professor ainda mais difícil. Essas questões já são recorrentes e todos temos consciência disto e o professor é um dos pilares que sustém esse frágil edifício da educação, de escolas mal estruturadas, de baixa remuneração, de alunos dispersos, a realidade está aí aos olhos de todos, e o que fazer diante disto? Se manter firme e tentar fortalecer esse ambiente de fragilidades, levar aos alunos o melhor possível. Os docentes, cada dia mais têm que refletir sobre seu papel, sobre o aluno que querem formar: um repetidor de regras gramaticais ou um sujeito socialmente ativo, um cidadão crítico, ciente de seus direitos e deveres? A gramática é importante, mas não é a única coisa que deve ser estudada nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental. Os tempos mudaram e a escola tem que acompanhar isso, pois a escola não é algo separado do mundo, o seu papel principal é formar cidadãos do amanhã, aqueles que no futuro ocuparão os mais diversos cargos na nossa sociedade.

Através da aplicação da sequência, tornou-se perceptível ver que é possível se trabalhar literatura no ensino fundamental e que é um trabalho extremamente profícuo como modo de estimular o gosto pela leitura, de desenvolver a oralidade e

estimular a interação no ambiente escolar. No decorrer das aulas os educandos foram se mostrando cada vez mais engajados, interessados e participativos durante as aulas e esse é um ganho tremendo uma vez que, em geral, os alunos se mostram tão passivos e apáticos nas aulas, principalmente, quando estas são centralizadas tão somente em exercícios de metalinguagem, nas quais os alunos pouco ou nada interferem, afinal, aquele conhecimento escolarizado eles não dominam e tampouco veem utilidade. O que se propõe com este trabalho, no entanto, não é a abolição do ensino de gramática, afinal ela é de extrema importância, a proposta é ir além, mesclar o ensino gramatical ao ensino de literatura, produção textual, formar alunos que além de saber decoradas as regras da língua portuguesa, dominem sua escrita e, principalmente, consigam ler, compreender e opinar sobre aquilo que leem. Formar cidadãos realmente letrados e capazes de exercer de forma consistente sua função na sociedade e não se torne apenas a sombra dos pensamentos dos outros por não ter aprendido a formular o seu próprio.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Repensando o objeto de ensino da aula de português**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARANHA, Maria de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2006.
- AZEVEDO, J. C. Escola Cidadã: construção coletiva e participação popular. In: SILVA, L. H. (Org.), **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português: Discurso e saberes escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade Cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade Cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura; O esquema de machado de Assis**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. & SHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In. CORDEIRO, G.S. & ROJO, R. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DONATO, Fabiana Juvêncio Aguiar. **Oralidade e suas reflexões em sala de aula**. Disponível em: <http://www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art25.pdf>. Acesso em: nov. 2015.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar**, Editora da UFPR: Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000.
- FUSARI, José Cerchi. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico**: Algumas Indagações e Tentativas de Respostas. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em: Set. 2015.
- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. In: _____. **Unidades básicas do ensino de português**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 59 – 79.
- GOULART, C. **As práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. 2005. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUFT, Pedro. **Língua e Liberdade**. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1998.
- MARIA, Luzia de. A leitura: uma concepção política. In: **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2. ed. Petrópolis: 2008, p. 50-64.
- MILANEZ, V. **Pedagogia do oral**: condições e perspectivas para sua aplicação no português. Campinas, SP: Sama, 1993.
- PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso da língua Portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- NOT, Louis. **Ensinando a aprender**: elementos de psicodidática geral. São Paulo: Summus, 1993.
- RAMOS, Andresa de Brito. & SILVA, Marcelo Alexandre da. **O uso da oralidade como ferramenta de interação na sala de aula**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1019_738787e33febf153f1a935004747c3d.pdf. Acesso em: nov. 2015.
- ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In. ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 17 – 39.